

Desafios emergentes da pandemia de covid-19 para a fé cristã: pensar e viver a fé em tempos de crise

Emerging challenges of the covid-19 pandemic for the Christian faith: thinking and living the faith in times of crisis

Elias Fernandes Pinto ¹

Resumo: Este artigo é uma reflexão sobre os desafios da pandemia de COVID 19 para a fé cristã. A pandemia significou uma interrupção nos estilos de vida, nas atividades econômicas, sociais e religiosas. Evidenciou a crise da sociedade atual do ponto de vista humanitário. Nosso objetivo será explicitar os desafios emergentes da pandemia para a fé cristã e apontar elementos de como a fé cristã pode nos ajudar a compreender e a superar esta crise pandêmica. Iniciaremos com uma abordagem sobre os impactos da pandemia e como entendê-la. Usaremos os aportes dos autores Christian Ingo Lenz Dunker, Boaventura de Sousa Santos, Slavoj Žižek e do Papa Francisco que falam a partir de seus campos de atuação e pesquisa: psicologia, sociologia, filosofia, economia e religião. No segundo momento, a partir dos aportes dos teólogos W. Kasper, Bruno Forte e Tomás Halík tentaremos evidenciar alguns elementos essenciais da fé cristã que nos ajudam a interpretar e a superar a crise da pandemia. Acreditamos que a abordagem nos possibilitará aprofundar e viver a fé nesse contexto de crise e, assim, sermos fortalecidos na esperança e na solidariedade.

¹ Doutorando em Teologia Sistemática no programa de pós-graduação da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, com ênfase em Antropologia Teológica. Apoio FAPEMIG.

Palavras-chave: Pandemia de COVID-19. Fé Cristã. Ser cristão em tempos de crise.

Abstract: This article is a reflection on the challenges of the COVID 19 pandemic for the Christian faith. The pandemic meant an interruption in lifestyles, economic, social and religious activities. It highlighted the crisis in today's society from a humanitarian point of view. Our aim will be to clarify the emerging challenges of the pandemic for the Christian faith and point out elements of how the Christian faith can help us to understand and overcome this pandemic crisis. We will start with an approach to the impacts of the pandemic and how to understand it. We will use contributions from authors Christian Ingo Lenz Dunker, Boaventura de Sousa Santos, Slavoj Žižek, and Pope Francis who speak from their fields of activity and research: psychology, sociology, philosophy, economics and religion. In the second moment, based on the contributions of theologians W. Kasper, Bruno Forte and Tomás Halík, we will try to highlight some essential elements of the Christian faith that help us to interpret and overcome the pandemic crisis. We believe that the approach will enable us to deepen and live our faith in this context of crisis and thus be strengthened in hope and solidarity.

Keywords: COVID-19 pandemic. Christian Faith. Be a Christian in times of crisis.

Introdução

A pandemia de COVID 19 provocou profundas mudanças no modo de vida individual, social e religioso. Neste artigo, centraremos nossa reflexão nos impactos da pandemia para a fé cristã. Tentaremos evidenciar esses desafios e apontar alguns elementos importantes da fé cristã que nos ajudam a interpretar a crise pandêmica e nos proporcionam caminhos possíveis para superar esta crise. Para isso, buscaremos nos aproximar de uma fé profundamente enraizada no grande patrimônio da Tradição cristã.

A complexidade da pandemia de COVID 19 está atualmente no centro das atenções dos pensadores, da ação política e social e, por que não, da reflexão teológica cristã. Isto porque seus impactos são de caráter veloz e mundial e têm causado inúmeros sofrimentos, pobreza, mortes em todo o mundo além de levantar questões existenciais e culturais. São inúmeras as pessoas que estão sofrendo com as mortes de familiares, amigos e com os impactos econômicos, sociais, psicológicos e na vida religiosa.

Iniciaremos mostrando alguns dos impactos da pandemia a partir de autores seletos que falam a partir de seus campos de pesquisa e atuação. O psicanalista Christian Ingo Lenz Dunker, nos ajudará a entender como a pandemia encontrou a realidade brasileira e, sobretudo, colocará alguns parâmetros para superarmos as angústias geradas pela pandemia. Boaventura de Sousa Santos,

sociólogo, apontará os impactos da pandemia sobretudo nos corpos racializados e sexualizados que são sempre os mais vulneráveis perante um surto e descortinará as fragilidades das democracias para lidar com a pandemia. Slavoj Žižek, filósofo e psicanalista, proporá uma reinvenção do comunismo para lidarmos com a crise pandêmica. O Papa Francisco nos ajudará a perceber os impactos da pandemia sobre a prática religiosa. De modo fundamental, o papa nos ajudará a perceber que a pandemia evidencia nossa vulnerabilidade, mostra que estamos conectados e lembra-nos do verdadeiro fundamento que nos sustenta nas tribulações.

No segundo momento, a partir dos teólogos Walter Kasper, Bruno Forte e Tomás Halík iremos nos aproximar de possíveis interpretações sobre a pandemia. Mostremos que ela não é castigo de Deus, mas um evento contingente, isto é, não necessário, mas possível e que está acontecendo e nos afetando gravemente. Mostraremos que o Deus cristão não é um espectador de fora em relação à dor no mundo. Ao olharmos para a cruz de Jesus perceberemos o maior gesto de amor e respeito pela liberdade do ser humano, mas também a palavra de Deus que não nos abandona na morte, mas nos dá a esperança da ressurreição. Nesse sentido, a fé cristã sempre nos convida à confiança na vitória sobre a morte. Por isso, buscaremos nela alguns elementos fundamentais que nos ajudam a superar a crise da pandemia.

1. Os impactos da pandemia: como estamos lidando com a crise e interpretando-a?

Somos afetados pela pandemia de diversos modos: diretamente pelo vírus, como familiares de afetados, como cuidadores, médicos, agentes pastorais e outros. No entanto, de modo comum, para todos, a pandemia de COVID-19 significou uma bruta interrupção do estilo de vida, costumes e certezas cotidianas até então tidas como evidentes. Nesse sentido, ela afeta não somente nossa vida individual, mas também a vida social, coletiva e religiosa.

Tais mudanças afetam o coração da sociedade moderna, como os direitos de ir e vir, reunião pública, contato pessoal, exercer a religião de modo público e outros. A pandemia evidencia os limites do ser humano e a sua impotência em relação às forças da natureza. Faz-nos vivenciar a contingência de uma maneira nova, singular e extrema e coloca em questão a crença no progresso e na factibilidade (KASPER, 2020, p. 12-13).

Walter Kasper faz uma comparação entre os impactos da crise do coronavírus e os efeitos do terremoto de Lisboa, ocorrido no ano 1755, o qual significou o fim do otimismo e da fé no progresso, próprios do Iluminismo.

A crise do coronavírus também vai repercutir em nossas certezas como civilização, como sociedade, como culturas; consequências que hoje quase ninguém pode prever em detalhes. Na área médica, venceremos o coronavírus; *mas no intelectual, no cultural, também no teológico, o vírus vai nos manter presos e ocupados por muito tempo* (KASPER, 2020, p. 14, itálico nosso).

Podemos falar de como estamos vivenciando a crise do coronavírus a partir de diversas perspectivas. Nesta secção, vamos ater-nos aos aportes de autores seletos que manifestaram suas contribuições em relação à crise que a pandemia nos coloca, a partir de seus campos de pesquisa, como a sociologia, a economia, a psicologia e a religião.

Christian Ingo Lenz Dunker, professor livre docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), afirma que a pandemia encontrou o Brasil em meio a dois processos: a divisão social discursiva e a pauperização da vida econômica e dos direitos trabalhistas. A prática do governo federal em meio a pandemia, para ele, é caracterizada pela negação². Esta já estava em curso no Brasil antes da chegada do coronavírus e está relacionada com o que Mbembe chama de necropolítica:

Uma derivação da biopolítica que, sendo capital e potência de produção, pensa a vida como um negócio de administração de populações. Não se trata da aplicação do princípio de preservação da vida, mas da prática de deixar morrer e de negar o processo de extermínio, adoecimento ou desproteção que leva à morte (DUNKER, 2020, p. 8).

Em meio à crise de milhões de pessoas desempregadas e sem condições de se sustentarem, o processo da necropolítica é negar a existência dessas pessoas e deixá-las sucumbirem. Mas o coronavírus é um pequeno ingrediente que diz: estas pessoas existem, são vidas. A prova é que elas podem ser infectadas. Isso nos leva a pensar a vida para além da biopolítica e da necropolítica, isto é, não pela via da produção e do consumo, mas pela capacidade de sofrer e de sonhar.

Para Dunker, diante da peste, o coronavírus, todos são vulneráveis: pobres e ricos, mulheres e homens, brancos e negros, crianças e idosos, ainda que sobre estes últimos ela seja letal. Por isso, a pandemia pode, ao mesmo tempo, nos colocar tão juntos e solidários quanto separados e concorrentes. No entanto, Boaventura de Sousa Santos, Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, acrescenta que a forma de lidar com a pandemia é diferente de acordo com as condições econômicas e sociais. Os corpos racializados e sexualizados são sempre os mais vulneráveis perante um surto, pois:

os seus corpos estão à partida mais vulnerabilizados pelas condições de vida que lhes são impostas socialmente pela discriminação racial ou sexual a que são sujeitos. Quando o surto ocorre, a vulnerabilidade aumenta, porque estão mais expostos à propagação do vírus e se encontram onde os cuidados de saúde nunca chegam: favelas e periferias pobres da cidade, aldeias remotas, campos de internamento de refugiados, prisões, etc. (SANTOS, 2020, p. 26-27).

² Freud já afirmava que nem toda negação é uma negação: "O exemplo clássico é: 'sabe essa mulher no meu sonho? Pois bem, a única coisa que posso dizer é que ela não é minha mãe'. Disso se conclui que obviamente o sujeito não está querendo admitir que se trata justamente de sua mãe" (DUNKER, 2020, p. 7).

Diante da doença, ainda mais em tempos de pandemia, o ser humano sempre se coloca a questão existencial: o que fiz para merecer isso? O que fiz para não ser tão amado e protegido pelo Outro que me envia isto?

Nossa irresistível tendência a ler a doença como uma mensagem tem a ver com a resistência em aceitar que existem coisas que não conhecemos e, portanto, não dominamos. Quando isso acontece, criamos ficções e hipóteses para ler e atribuir significado ao que, em princípio, não tem sentido (DUNKER, 2020, p. 12).

Dunker (2020, p. 13) distingue três reações básicas diante da peste: a do tolo, a do confuso e a do desesperado. 1. O tolo não conhece a potência do medo e não é corajoso para enfrentar a situação sabendo dos riscos. Por isso, ele não é capaz de tomar providências sérias. 2. O confuso lida com a angústia tentando transformá-la inteiramente em medo real. Ele será capaz de tomar atitudes como estocar papel higiênico, álcool em gel etc. Saberá o que falam os governos, os sistemas de saúde, mas também informações sobre hipóteses conspiratórias. 3. Os desesperados transformarão todo o medo, gerado pela indeterminação, em angústia.

No entanto, o autor ressalta que na angústia da peste, aprendemos algo sobre nossos próprios fantasmas:

Acalmar-se é algo que ninguém pode fazer por você. Se você espera que apenas mais notícias, informações e comentários venham a te pacificar, ou se acha que aumentar o estoque de máscaras vai sanar sua angústia, você está se enganando. O verbo chama-se *acalmar-se*, e não *ser acalmado pelos outros e seus objetos*. O medo se combate com precaução e medidas objetivas, a angústia com cuidado de si e trabalho subjetivo (DUNKER, 2020, p. 14, itálico do autor).

Neste sentido, a pandemia nos ensina especialmente em relação à nossa pretensão de dominar o mundo e o nosso destino. “Do ponto de vista de nossa angústia, o coronavírus não poderia ter um nome melhor: ele nos tira do trono de nós mesmos e repõe a coroa de nossas vidas em sua justa dimensão (DUNKER, 2020, p. 14). Esta coroa é a humildade, tão escassa na sociedade atual. Diante deste pequeno e destrutor vírus, nosso orgulho e egocentrismo se curvam.

Boaventura de Sousa Santos, sociólogo, fala da fragilidade das democracias para lidar com as emergências, como no caso da pandemia do coronavírus. Para ele, a China, país não democrático, acionou métodos de repressão e de vigilância rigorosos. Cada vez mais não há dúvidas da eficácia das medidas chinesas. Dificilmente um país democrático conseguiria aplicar métodos semelhantes³.

³ Nesta mesma linha, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, ensaísta que leciona na Universidade das Artes de Berlim, afirma que a Ásia está lidando melhor com o controle da pandemia que a Europa. Para ele, os Chineses e coreanos que estão na Europa querem voltar aos seus países porque se sentem mais seguros. Os Estados asiáticos possuem mentalidade autoritária e, com isso, as pessoas são menos relutantes e confiam mais no Estado. A vida cotidiana é mais organizada. Nesses países, não se fala em proteção de dados, exceto no Japão e na Coreia. Como exemplo ele cita que a vida cotidiana na China está a todo momento submetida à observação. Existe um irrestrito intercâmbio de dados entre os provedores de internet e o governo. Portanto, há uma grande vigilância digital, *Big Data*. Nestes países, impera o coletivismo sobre o individualismo. Por isso, o sistema de saúde nos países asiáticos está tendo mais facilidade para

Devido a maior circulação de informações, as pandemias deveriam ser menos letais nas democracias. No entanto, estas estão cada vez mais vulneráveis às *fake news*, o que causa muitos transtornos e confusão entre a população em relação ao como lidar com o vírus e às questões políticas (SANTOS, 2020, p. 7-8).

Outro aspecto interessante a ser ressaltado é a incrível diminuição da poluição durante o isolamento social provocado pela pandemia (ECODEBATE, Os efeitos que já podemos ver da pandemia sobre o meio ambiente, 2020). Diante disso, Sousa Santos coloca a questão: "Quererá isto dizer que no início do século XXI a única maneira de evitar a cada vez mais iminente catástrofe ecológica é por via da destruição maciça de vida humana? Teremos perdido a imaginação preventiva e a capacidade política para a pôr em prática? (SANTOS, 2020, p. 7).

Slavoj Žižek, nascido em Liubliana, Eslovênia, filósofo e psicanalista, destaca cinco estágios do ser humano ao lidar com a pandemia: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação (ŽIŽEK, 2020, 25-28). Mas, nos interessa de modo fundamental sua afirmação de que o pânico não é uma forma apropriada de enfrentar o real. Para lidar com a pandemia, ele sugere uma reinvenção do comunismo⁴. Essa reinvenção consistiria num compartilhamento mundial de informações e planos de coordenação. Uma abordagem mais coletiva que mobilize a máquina do governo⁵ (ŽIŽEK, 2020, 37-41).

É preciso não apenas que o Estado assuma um papel muito mais ativo – organizando a produção de materiais e equipamentos urgentemente necessários (como máscaras cirúrgicas, kits para diagnóstico e respiradores), apropriando-se de hotéis e outros resorts, garantindo o mínimo de sobrevivência a todos os novos desempregados e assim por diante [...]. Além disso, na outra ponta, terá de ser organizado algum tipo de cooperação internacional efetiva a fim de produzir e compartilhar recursos – se os Estados apenas se isolarem, guerras vão estourar. É isso que eu estou chamando de "comunismo", e não vejo alternativa a isso que não [seja] uma nova barbárie (ŽIŽEK, 2020, 68-69).

No entanto, o desenrolar do tempo nos mostrou que as nações não estão se comportando desta forma. Estão usando da pandemia para adquirir riquezas. Um exemplo claro é a vacinação com ritmo lento em países pobres que não tiveram condições de investimento em pesquisas para fabricá-la. Por isso, são notáveis o esforço e o pedido do Papa Francisco para que a vacina seja compartilhada com todos (FRANCISCO, Audiência Geral 19 agosto de 2020).

De modo geral, o Papa Francisco tem colocado as mudanças que a pandemia provoca na vida pessoal, familiar, laboral e social. Muitos tiveram que lamentar a morte de familiares e amigos queridos. Milhões de pessoas caíram

colocar medidas restritivas que realmente funcionem (HAN, 2020, p. 97-111)

4 Devido ao desgaste histórico do termo, poderíamos usar comunitarismo. Mas, neste artigo vamos ser fiéis ao pensamento do autor.

5 Neste sentido, Žižek cita a fala do diretor da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus: Agora é a hora de agir com base nesses planos [...] Essa epidemia pode ser revertida, mas somente por meio de uma abordagem coletiva, coordenada e abrangente, que mobilize a máquina do governo" (Joshua Berlinger, "WHO warns governments 'this is not a drill' as coronavirus infections near 100,000 worldwide", 2020 Trad. do autor)

em dificuldades económicas, outras perderam o emprego. Em muitos países foi impossível celebrar comunitariamente a eucaristia em público, nem mesmo na Páscoa, a maior festa do cristianismo. No Brasil, na maioria das regiões não foi possível por dois anos.

Esta dramática situação pôs em evidência a vulnerabilidade, caducidade e contingência que nos caracterizam como humanos, questionando muitas certezas que fundamentavam nossos planos e projetos na vida cotidiana. A pandemia coloca-nos interrogações de fundo, concernentes à felicidade da nossa vida e ao amparo de nossa fé cristã (FRANCISCO, 2020, p. 10).

O papa Francisco propõe a seguintes chaves para pensar a crise da pandemia: ela é um sinal de alarme, que nos faz pensar sobre as raízes mais profundas que nos sustentam em meio à tempestade; ela recorda que temos esquecido e postergado coisas fundamentais da vida e nos faz perguntar sobre o que é realmente necessário e o que é secundário, superficial; ela é um momento de prova e decisão, de reorientar nossa vida para Deus como nosso suporte e meta; ela nos mostra que, especialmente em situações de emergência, dependemos da solidariedade dos outros; ela nos convida a colocar nossas vidas a serviço dos outros de uma nova maneira; ela deve, enfim, nos conscientizar da injustiça global e nos despertar para ouvir o clamor dos pobres e de nosso planeta, gravemente enfermo (FRANCISCO, 2020, p. 10-11).

Para o papa, a pandemia evidencia nossa vulnerabilidade desmascara nosso orgulho e pretensão de dominar a natureza e nossa vida. Também nos mostra a necessidade de uma fé-confiança que realmente sustente e nutra a nossa vida diária e comunidade.

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de 'empacotar' e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestésiar com hábitos aparentemente 'salvadores' incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades. Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso 'eu' sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos (FRANCISCO, Homilia da Adoração do Santíssimo e Bênção Urbi et Orbi, 27 de março de 2021).

Na próxima secção, abordaremos os desafios da crise do coronavírus para a fé cristã. A partir dos teólogos Walter Kasper, Bruno Forte e Tomás Halík apresentaremos alguns aportes da fé cristã para se viver e superar este momento de crise. Percebe-se que esses teólogos tentam aprofundar os fundamentos da fé cristã purificando-a de certas imagens ou roupagens inúteis ou destorcidas para dialogar com o momento atual.

2. Desafios emergentes da pandemia de COVID-19 para a fé cristã: pensar e viver a fé em tempos de crise

A experiência neste tempo de pandemia evidencia a dor e o grande mal causado pelo coronavírus. A primeira pergunta de cunho universal, diante da dor e da morte que surge nos corações e na mente de muitos e em nós cristãos é: por que todo este mal? Por que toda esta dor? Para Bruno Forte, teólogo italiano e, atualmente, arcebispo de Chieti-Vasto, muitos têm passado desta primeira questão existencial à questão radical de um ser supremo responsável por tudo: “Se Deus existe e é justo, por que este vírus mortal? Se é bom, como permite que se encare tanto mal conosco, em particular com os mais débeis e indefesos? Se é Pai, por que não nos trata como filhos? (FORTE, 2020, p. 25). Trata-se de questões antigas que com a advento imprevisto da crise pandêmica, tão próxima a todos nós, volta com dramática atualidade.

Muitos cristãos culpam Deus pela pandemia ou a entendem como um castigo ou um sinal para que a humanidade endireite seu caminho. Outros, levados por uma fé mágica e supersticiosa, que não tem fundamentos na tradição bíblico-cristã, se acham protegidos por Deus por pensarem possuir algum mérito diante dele. Inclusive, percebemos discursos de “religiosos” minimizando o mal da pandemia e vendendo certos objetos de proteção ou negociando a imunização em nome de Deus. Esses discursos, de modo geral, são desacreditados por uma fé autêntica e pela ciência. No entanto, diante de um certo desespero e falta de uma fé de raízes profundas, esses discursos atingem muitas pessoas.

Percebe-se, de modo genérico, que no imaginário de muitas pessoas no Brasil, as orações pelo fim da pandemia têm em vista uma intervenção direta de Deus na história sem contar com as mediações humanas. Uma intervenção de modo mágico e instantâneo. Em certas ocasiões, certos fiéis acabam “perdendo a fé” por fazer súplicas a Deus pela recuperação da saúde de suas filhas ou filhos, mães ou pais, avós ou avôs, amigos ou amigas, esposos ou esposas e, infelizmente, esses vieram a óbito devido às complicações da COVID-19 ou até mesmo de outras doenças. Diante de tudo isso, urge buscarmos entender e experimentar a fé no Deus cristão neste contexto de pandemia que tanto nos aflige.

Do ponto de vista da fé cristã, a pergunta correta seria: “E o rosto de Deus? Como se apresenta o Deus que Jesus Cristo revelou como amor pessoal, eterno diálogo dos Três, que são Um no amor, diante de tanta dor?” (FORTE, 2020, p. 25). Para o teólogo italiano, a primeira resposta é que o Deus revelado por Jesus Cristo, o Filho que veio entre nós, não é um espectador distante diante da dor do mundo e muito menos o juiz despótico da dor e da alegria de seus filhos e filhas. Ao contrário, é o Deus conosco, que nos ama e por isso sofre com nossa dor. Que permite o mal por nos deixar livres e que, precisamente no seu Filho crucificado nos ajuda a carregar a cruz como Ele a levou.

A Cruz de Cristo é o lugar onde Deus nos fala no silêncio; o mistério escondido nas trevas da Sexta-Feira Santa é o mistério da dor de Deus e do

seu amor pelos homens. Na sua morte na Cruz, o Filho entrou na finitude do homem, no abismo da sua pobreza, da sua dor, da sua solidão, da sua escuridão. E ali, bebendo o cálice amargo, experimentou até o fundo nossa condição humana: pela via da dor se fez homem até o extremo (FORTE, 2020, p. 26).

Na cruz, onde o Filho faz sua entrega máxima ao Pai em solidariedade com os pecadores, o Pai também conheceu a dor e sofreu pelo inocente, seu Filho, entregue à morte. No entanto, Ele optou por entregá-Lo para revelar, na humildade e ignomínia da cruz, o amor trinitário ao ser humano e a possibilidade, o caminho para que a humanidade chegue à vida divina, a comunhão com a Trindade. "Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3,16).

A morte em Deus, de forma alguma significa a morte de Deus, no sentido que o "homem louco" da parábola de Nietzsche ia gritando pelo mundo. "O amor que liga o Abandonante ao Abandonado e, neste, ao mundo, vencerá a morte, apesar de seu aparente triunfo. O cálice da paixão de Deus encheu-se de uma bebida de vida, que brota e mana eternamente (Jo 7,37-39) (FORTE, 2020, p. 26). O fruto da árvore da cruz é o anúncio da ressurreição.

O Consolador do Crucificado derrama-se sobre toda a carne para ser o Consolador de todos os crucificados e para revelar, na humildade e na ignomínia da Cruz, de todas as cruces da história, a presença revigorante e transformadora do Deus cristão (FORTE, 2020, p. 26).

Nesse sentido, o sofrimento de Deus revelado na Cruz se torna Boa Nova. A palavra da cruz, loucura para os que se perdem, mas para nós cristãos, poder de Deus (1Cor 1,16), chama o discípulo ao seguimento. Pela via da cruz, na dor, no sofrimento, na debilidade, no abandono da morte podemos encontrar o Deus da vida. Na dor, o Senhor crucificado está do nosso lado, conosco e por nós todos. Por isso, com Ele, se torna possível converter nosso sofrimento em caminho de fé e de nascimento de uma nova vida, gasta e entregue em solidariedade com os outros, nossos irmãos (FORTE, 2020, p. 26).

O pensamento de Bruno Forte, nesta temática, está muito relacionado com o que afirma o papa Francisco, na Carta Encíclica *Lumen Fidei*: O cristão sabe que o sofrimento não pode ser eliminado, mas pode adquirir um novo sentido. Pode tornar-se ato de amor, de entrega confiada nas mãos do Pai que não nos abandona. Desta forma, o sofrimento pode ser uma etapa de crescimento na fé e no amor. "Contemplando a união de Cristo com o Pai, mesmo no momento de maior sofrimento na cruz (Mc 15,34), o cristão aprende a participar no olhar próprio de Jesus" (LF, nº 56). Inclusive, afirma o papa, que a experiência da morte, neste sentido, fica iluminada podendo ser vivida como um último chamado à fé, o último "Sai da tua terra" (Gn 12,1), o último "vem!" dito pelo Pai, a quem nos entregamos com a confiança de que Ele nos tornará firmes na passagem definitiva" (LF, nº 56).

O teólogo Walter Kasper acrescenta que a questão que a pandemia apresenta para a fé cristã não é de um mal na ordem de responsabilidades humanas,

visto que a origem do coronavírus, mesmo que ainda incerta, parece ser de ordem natural⁶. Trata-se de um vírus de rápida disseminação mundial que nos fez experimentar a contingência de um modo novo, singular e extremo. Isto põe em evidência de um modo novo a vulnerabilidade e a fragilidade dos seres humanos, os seus limites e a sua impotência face às forças da natureza. Também põe em questão, de forma inovadora, a fé no progresso e na viabilidade (KASPER, 2020, p. 13).

Filosoficamente, a crise do coronavírus foi chamada de evento contingente, isto é, um evento não necessário em virtude de uma lei natural, mas possível que ocorre e nos afeta. A questão teológica e filosófica é: “Como podemos nós, humanos, lidar com essa e muitas outras formas de contingência inevitável da realidade da vida? Esta é uma pergunta não abstrata, mas existencial e muito concreta que, como esperamos mostrar, atinge também o político e o eclesial” (KASPER, 2020, p. 15).

Kasper faz um longo caminho de como a filosofia tratou o problema da contingência ao longo da história. Por razões metodológicas e pelo caráter sucinto deste artigo não podemos descrevê-lo⁷. Vamos nos ater à exposição que ele faz de São Tomás que mais ajuda em nossa questão. São Tomás pensou sobre a contingência olhando a realidade em seu conjunto, como questão fundamental de metafísica, como formulado posteriormente por Leibniz, Schelling, Heidegger: Por que existe algo em vez de nada? Tudo o que é real é manifestamente possível, mas não necessário. Poderia ser de outro modo ou não ser. Isto só é possível, segundo Tomás, se existe algo que não pode deixar de ser, ou seja, que é necessário. É o que todos chamam de Deus. Esta é o que se chama de terceira via de acesso a Deus (TOMÁS, *Suma Teológica*, I q. 1 a. 3).

Deus é o fundamento último do ser, está presente em tudo o que existe e acontece, mas, ao mesmo tempo, está acima de tudo. Enquanto dá ser a toda realidade criada, Ele a quer em seu agir próprio, isto é, em sua autonomia relativa (GS, n. 36).

Por isso é impossível atribuir imediatamente a Deus uma catástrofe natural e ameaçar com ela ou proclamar a punição de Deus. Tampouco devemos interpretar o êxito e o bem-estar como recompensa de Deus à conduta moral ou como sinal de especial predileção de Deus, como faz o *Prosperity Theology* de algumas Igrejas liberais (KASPER, 2020, p. 15).

Segundo a análise de Kasper, o coronavírus pôs em questão o sentimento de segurança burguês: “a contingência nos arrastou” (KASPER, 2020, p. 17). Não temos nas mãos a vida nem, sobretudo, a morte. O próprio pensamento burguês dá conta que é impossível uma segurança total em torno da vida, pois sempre aparece um risco ou um perigo. A religião é que preenche essa

6 Pesquisas recentes levam a sério a hipótese de o vírus ser de origem acidental em laboratório, tendo em vista que o laboratório Wuhan é uma das instituições científicas de maior prestígio do gigante asiático. Esse laboratório se concentra em estudos de virologia, microbiologia aplicada e biotecnologia, e abriga o primeiro laboratório de biossegurança de nível 4 na China. No entanto, é preciso deixar claro que os estudos ainda são inconclusos e não se sabe ao certo a origem do vírus (BBC NEWS BRASIL. *Origem do coronavírus: como versão sobre laboratório passou de 'teoria da conspiração' a alvo de investigação dos EUA*, 28 maio 2021)

7 Para uma leitura completa, *vide*: (KASPER, 2021, p. 14-18).

lacuna do pensamento burguês e, por isso, ela é irrenunciável. No entanto, essa religião não é cristã.

[Ela] É necessária para ir adiante com a contingência; agora tem a função de consolo. Na fé sabe-se que o mundo não é fatalista ou determinista, nem tampouco é mero acaso. É-nos permitido confiar na providência de Deus e conhecer-nos, no fundo, sustentados por Deus. No entanto, esta religião liberal aburguesada não pode oferecer mais do que um conforto desconsolado. Nela, a religião e a fé não possuem valor próprio; estão funcionalizadas e monopolizadas. A fé é um transcender sem transcendência (Ernst Bloch), uma sublimação simbólica de algo que, de qualquer maneira, já é. Não muda nada das condições contextuais; pelo contrário, estabiliza-os. A religião civil é, assim, uma ideologia do mundo vital burguês. Enquanto fator cultural, continua a ser estimada e cuidada, porque a técnica e a economia não podem satisfazer sozinhas as necessidades anímicas, éticas e estéticas. Como tudo o mais, a religião é objeto de consumo como satisfação de necessidades. A Igreja se torna igreja de serviços (KASPER, 2020, p. 17).

Segundo Kasper, Dietrich Bonhoeffer critica essa forma de entender a religião em suas cartas e notas do cativo, *Resistência e submissão*, onde ele afirma que nesse contexto Deus é expulso do mundo uma vez que o mundo atingiu a maioria, e serve apenas como tampões para responder às chamadas questões últimas⁸. Diante disto, Kasper questiona: As igrejas vazias, a praça de São Pedro vazia são, portanto, um símbolo externo do vazio interno? São as Igrejas vazias, neste tempo de pandemia, mausoléus do Deus morto, como Nietzsche zombava? “Não! Pedro estava lá sob a figura do seu sucessor⁹, anunciando a ressurreição: ‘*Christus vivit*’. Ressuscitou. Sobre este fundamento a Igreja deve se reavaliar. Sobre esta rocha do Evangelho pode-se edificar” (KASPER, 2020, p. 18).

Por fim, nosso autor propõe 6 enunciados que ajudam a superar a crise da Igreja evidenciada na pandemia: 1. *Como cristãos, precisamos saber quem somos, de que vivemos, e o que esperamos*. Nosso Deus é Deus da vida, não dos mortos. Na Páscoa celebramos Deus que dá a vida aos mortos e não se ajusta a nenhum esquema de injustiça. O mundo é contingente, mas, ao mesmo tempo, testemunho da fidelidade inabalável de Deus, com a qual obtemos na fé um solo e suporte firme na inconsistência do mundo. É um Deus mais que satisfação de necessidades; 2. *A nova criação iniciada na Páscoa nos remete à primeira criação*. No livro do Gênesis já aparece a missão do ser humano de cuidar e cultivar a terra. O descanso sabático quer dizer que o ser humano não é só trabalho. O sábado não é fazer uma pausa no trabalho e recarregar as forças para continuar trabalhando. É fazer uma pausa para ter tempo para Deus e para os homens, para a família, os amigos, a vida social; 3. *A nova criação não se inicia na manhã de Páscoa, mas começa já no Sábado Santo. O descensus ad inferos é pouco*

8 Kasper cita: BONHOEFFER, D. *Widerstand und Ergebung: Briefe und Aufzeichnungen aus der Haft*, ed. de E. Bethge, reedición, München 1977, p. 356s; 373s; etc. [trad. esp.: Resistencia y sumisión: Cartas y apuntes desde el cautiverio, Sígueme, Salamanca 2018].

9 Se trata da bênção “*Urbi et Orbi*”. Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia, presidido pelo Papa Francisco, na basílica de São Pedro, na sexta-feira, 27 de março de 2020.

considerado na Igreja ocidental, mas nas orientais está no centro do evento pascal. É a vitória sobre o poder e os poderes da morte, e a solidariedade com os mortos, os assassinados, os esquecidos, com todos os que carecem de futuro e vivem em sombras de morte, porque são considerados pouco úteis e por isso descartados; 4. *A Páscoa é a festa da liberdade cristã*. No entanto, uma liberdade redimida que nos faz viver do amor (Gl 5,1.6). O cristão está livre para os demais. A Igreja precisa estar presente no mundo como Igreja para os demais, como Igreja da diaconia; 5. *O Ressuscitado apareceu aos seus discípulos em refeições*. Páscoa e Eucaristia andam juntas. A Eucaristia é alimento, e não podemos partilhar o pão eucarístico sem partilhar também o pão cotidiano. O próprio Jesus celebrou a Última Ceia com a perspectiva da refeição escatológica no Reino de Deus; 6. *Já o testemunho pascal mais antigo do Novo Testamento mostra que não há testemunho pascal sem testemunhas da Páscoa, antes de tudo Pedro e os Doze (1 Cor 15, 3-5)*. Precisamos de Testemunhos apostólicos autênticos atualmente. Uma Igreja à serviço, não a igreja da dominação (KASPER, 2020, p. 18-20).

Tomás Halík, filósofo e teólogo checo, adverte que em tempos de calamidade, os “agentes adormecidos” de um Deus mal e vingativo difundem o medo e preparam um capital religioso ao serviço das suas próprias finalidades. Já se sabe que esta visão de Deus é água que move o moinho do ateísmo, há séculos. No entanto, para ele, o Deus cristão não é como um cineasta irascível, comodamente sentado por detrás do palco, enquanto os acontecimentos do nosso mundo se precipitam, mas é “como uma fonte de força que opera naqueles que, nessas situações, dão provas de solidariedade e de um amor capaz de sacrifício, compreendendo também aqueles que agem sem ‘motivação religiosa’. Deus é amor humilde e discreto (HALÍK, 2020, p. 8-9).

O filósofo e teólogo checo teólogo se questiona se as Igrejas vazias ou fechadas em tempos de pandemia são como se fossem um sinal e um desafio provenientes de Deus. Em seguida, esclarece que para compreender a linguagem ou sinais de Deus, nos acontecimentos da história, “exige a arte do discernimento espiritual, que, por sua vez, exige um desapego contemplativo das nossas emoções e dos nossos preconceitos cada vez mais fortes, bem como da projeção que damos aos nossos medos e aos nossos desejos” (HALÍK, 2020, p. 8). As Igrejas vazias podem ser uma espécie de admoção do que pode acontecer no futuro próximo. Talvez, simbolicamente, evidenciam “o vazio escondido nas Igrejas e o seu possível futuro – se não fizermos uma séria tentativa de mostrar ao mundo um rosto do Cristianismo completamente diferente (HALÍK, 2020, p. 9, itálico do autor).

Halík propõe aumentar o alcance do ministério dos leigos na Igreja e uma reforma no sentido de converter e voltar ao Evangelho, como nos indica o Papa Francisco (EG, n. 25-39). Neste sentido, a pandemia pode ser um *Kairós* para fazermos uma reflexão profunda diante de Deus. Para ele, talvez este estado de emergência seja um indicador de novo rumo e rosto da Igreja. É necessário buscarmos Cristo vivo, a Galileia de hoje, entre aqueles que estão à procura, isto é, vivem uma fé como caminho e não uma bagagem hereditária. Buscar Cristo

entre os que não nos seguem. Encontrá-lo nas feridas do mundo e nas feridas da Igreja as quais Ele assumiu sobre si (HALÍK, 2020, p. 11-14).

Por fim, vamos concluir com alguns elementos da teologia da Cruz expostos por Tomás Halík os quais nos ajudam a mergulhar no mistério da fé cristã e enfrentar estes momentos de crise com maior sobriedade. A cruz não é amuleto de sorte muito menos proteção mágica contra as adversidades. Nela está o paradoxo central da fé cristã: muitas vitórias são, na verdade, derrotas e muitas derrotas são vitórias (HALÍK 2021, p. 85).

a cruz é o espelho no qual podemos ver o mal em toda a sua nudez e atrocidade. Esta é a outra face do mundo, na qual estamos envolvidos pelos nossos atos, palavras e pensamentos, ou por não fazermos tudo o que podíamos ou devíamos fazer para o bem dos outros [...]. Olhe-mos para a cruz com os olhos da fé. Veremos lá a verdade sobre o ser humano, sobre o mundo e sobre Deus. E, como está escrito, apenas a verdade nos libertará, só ela nos pode curar (HALÍK 2021, p. 89).

Na cruz, morre também nossas ideias ingênuas de Deus. Uma fé que não passou pela noite escura da cruz ainda é ingênua. Se a fé for viva, será repetidamente ferida, exposta às crises e, às vezes, até aniquilada. "Sim, apenas uma fé ferida, na qual são visíveis as 'marcas dos pregos', é credível; apenas esta pode curar. Receio que uma fé que não passou pela noite da cruz e que não foi atingida no coração não tem esse poder" (HALÍK 2021, p. 97).

Conclusão

A pandemia de COVID 19 significou uma interrupção em estilos de vida, nas atividades econômicas, sociais e religiosas. Muitas pessoas estão enlutadas diante das perdas de familiares e amigos. Do ponto de vista social e econômico, a crise pandêmica mostrou as desigualdades sociais e as falhas do sistema capitalista que exclui e mede a vida pela capacidade de produção e de consumo. No contexto religioso, o distanciamento social impossibilita as celebrações e encontros. A fé cristã, neste contexto, sofre por ter um caráter comunitário forte. De moto geral, a pandemia evidenciou que estamos todos ligados, que não dominamos as forças da natureza e que necessitamos uns dos outros. Neste sentido, significou um forte golpe no egocentrismo do ser humano ocidental contemporâneo.

Do ponto de vista da fé cristã, o teólogo Bruno Forte nos ajudou a entender e a experimentar que o Deus cristão não é impassível diante da dor. A grande questão é como relacionar o Deus Amor revelado em Jesus Cristo com a dor e o sofrimento causados pela pandemia. Percebemos que na cruz de Jesus aparece o mistério do amor de Deus e sua palavra definitiva de vida, a ressurreição, que nos chama ao seguimento e à confiança.

Walter Kasper nos ajudou a ver a pandemia como evento contingente que nos fez experimentar a nossa vulnerabilidade de modo extremo. Logo, ela não

pode ser vista como castigo de Deus pelos erros da humanidade. Para ele, é decisivo que possamos encarar a contingência confiando no Deus da vida que transforma as situações de morte.

Por fim, Tomás Halík incentivou-nos a ver as Igrejas vazias neste período de crise como admoestação de Deus para fazermos uma verdadeira mudança em nossa vida de fé, voltando-nos ao coração do Evangelho. Portanto, este percurso nos ajudou a entendermos a pandemia na perspectiva da fé cristã, e nos trouxe elementos de como superá-la a partir da experiência de fé no Deus revelado em Jesus Cristo.

Referências

BBC NEWS BRASIL. Origem do coronavírus: como versão sobre laboratório passou de 'teoria da conspiração' a alvo de investigação dos EUA, 28 maio 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57280868>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

BERLINGER, Joshua. "WHO warns governments 'this is not a drill' as coronavirus infections near 100,000 worldwide", CNN, 6 mar. 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/03/06/asia/coronavirus-covid-19-update-who-intl-hnk/index.html>. Acesso em: 2 abr. 2020.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *A arte da quarentena para principiantes*. São Paulo: Boitempo, 2020. E-book.

ECODEBATE, *Os efeitos que já podemos ver da pandemia sobre o meio ambiente*, 18 mai. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/599007-os-efeitos-que-ja-podemos-ver-da-pandemia-sobre-o-meio-ambiente>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral 19 agosto de 2020*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mdWSQC7RkZY>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica '*Evangelii Gaudium*' do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013. 163 p.

FRANCISCO, Papa. *Homilia da Adoração do Santíssimo e Bênção Urbi et Orbi*, 27 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-homilia-oracao-bencao-urbe-et-orbi-27-marco.html>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Prólogo*. In: KASPER, Walter; AUGUSTÍN, George (org.). *Dios en la pandemia*. Santander: Sal Terrae, 2020. E-book.

HALÍK, Tomás. *O sinal das igrejas vazias*. Para um cristianismo que volta a partir. São Paulo: Paulinas, 2020.

HALÍK, Tomás. *O tempo das Igrejas vazias*. São Paulo: Paulinas, 2021. (Poética

do viver crente).

HAN, Byung-Chul. La emergencia viral y el mundo de mañana. In: AMADEO, Pablo (org.). *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia*. ASPO, 2020. E-book. p. 97-111.

KASPER, Walter; AUGUSTÍN, George (org.). *Dios en la pandemia*. Santander: Sal Terrae, 2020. E-book.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina, 2020. E-book.

TOMÁS de Aquino, Santo. *Suma teológica: parte I - questões 1-43: teologia, Deus, Trindade*. São Paulo: Loyola, 2001. 693 p.

FRANCISCO, Papa. Carta encíclica *Lumen Fidei* do Sumo Pontífice aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé. São Paulo: Loyola, 2013. 61 p. (Documentos do magistério).